

## O estilo da revanche em *E se alguém o pano*

Ronald Augusto \*



A satisfação de escrever a apresentação para um livro que é do agrado do prefaciador muitas vezes é acompanhada da suspeição de terceiros. Com efeito, tendo em vista a presente obra, alguns dirão, por exemplo, que sou suspeito ou estou implicado nas análises da poesia de Eliane Marques, porque já há algum tempo venho acompanhando os desdobramentos construtivos de *E se alguém o pano*, conjunto que agora se oferece ao leitor. Ao longo desse percurso estabeleci um raro diálogo com a poeta e suas específicas propostas textuais. Assim, é por essa razão que, a contrapelo dos eventuais invejosos, me sinto

não só mais do que à vontade para cumprir a tarefa, mas – e o que é melhor – creio mesmo que tenho o direito de fazê-lo.

Não se trata de lançar mão da prerrogativa do elogio que o texto introdutório pode exercer; não. O que pretendo é levar a termo, o quanto possível, uma ideia do poeta W. H. Auden segundo a qual o melhor leitor do autor inédito (que é o caso, ao menos no que diz respeito ao livro individual) ou do autor iniciante (que não é o caso, pois a poeta se mostra segura em seu primeiro movimento), seria aquele companheiro de viagem literária com quem mantém o comércio mais íntimo da amizade, que procede a uma leitura desinteressada, pois deseja o melhor tanto para o amigo, quanto para o poema que este lhe faculta com vistas a um comentário. O norte da apresentação é antes a admiração e o afeto necessários do que a indecorosa cumplicidade. Passemos, então, à apresentação propriamente dita, mas sem deixar de observar o seguinte. A apresentação não abarca todas as dimensões de *E se alguém o pano*; lacunas são constitutivas de qualquer leitura. Portanto, outras explorações a propósito da poética de Eliane Marques podem e devem ser levadas até as últimas consequências por parte do leitor, e é justamente em respeito à sua liberdade de interpretação e ao espaço que se deve dispor em um prefácio para dizer algo sobre o livro que seja mais do que protocolar elogio, que tentarei sugerir o suficiente ao seu apetite com a convicção de que esse mesmo leitor cumprirá sua parte no jogo estético colaborativo.

De imediato é preciso dizer que *E se alguém o pano* enfeixa poemas reveladores de uma personalidade criativa que não pretende ficar presa à subalternidade. Há aqui o

desejo de desbordar moldes e modelos. Começo por essa afirmação pelo fato de Eliane ser uma poeta que, ao mesmo tempo em que se deixa apreender como negra, não perde de vista que esse dado não é substancial para a fruição de sua obra de estreia, contudo isso não significa que a condição de escritora negra seja irrelevante, significa apenas que é secundária no que diz respeito às determinações inerentes ao discurso poético. Entretanto, a recusa à subalternidade, referida linhas acima, assinalável na poesia de Eliane Marques, é a materialização estética – uma das muitas estratégias, pode-se dizer – daquilo que o poeta Arnaldo Xavier chamou de “manual de sobrevivência do negro no Brasil”. O salto criativo por sobre a fenomenologia da resignação tendo como pano de fundo o preconceito naturalizado. Os poemas de *E se alguém o pano* almejam àquela condição de cacto, de coisa áspera e intratável, e servem à maravilha como transposições verbais da célebre metáfora de Manuel Bandeira. Eliane sabe muito bem que seus poemas devem ser três vezes melhores do que qualquer poema branco escrito por seus iguais desiguais que não se ressentem de sua branquitude. Essa, por enquanto, é a regra do jogo. Do contrário restaria resignar-se murmurando a máxima de que o “importante é fazer parte do coletivo”, assumindo o posto menos visível, menos proeminente. Enfim, os poemas de Eliane Marques são ambiciosos. Em seus poemas há entre outras coisas: variedade de ritmos, palavras-montagem, étimos de extração de poéticas panafricanas, coragem de usar uma dicção antinaturalista, um movimento contrário à brevidade enquanto padrão médio, o aproveitamento da música da prosa, o entendimento de que o ritmo se conquista pela reiteração de elementos materiais da linguagem. E, algo que considero fundamental em qualquer artista: Eliane dissimula uma raiva contida, bem aplicada, isto é, um tipo de disposição textual capaz de conferir à forma um enviesamento mais cortante, impiedoso: o estilo da revanche.

*Ossuda alta a cabeça guirlanda.  
A boca um pote de terra.  
Ainda com anjos maometanos e outras bobagens.  
Atrevida. Desconhece dinheiro.*

*Pelo nome “justina” que talvez ainda atenda.*

Além disso, sua linguagem incorpora o aproveitamento de registros históricos, recriações e/ou paráfrases de relatos, notícias, anúncios ao modo “pede-se publicar...”. *E se alguém o pano* resulta mestiço devido aos discursos combinados, pois, a par desses ecos de documentos de verdades contingentes, seu escopo discursivo revela irrupções analógicas, metáforas, cortes metonímicos e mudanças de tom, fazendo o imagético e o sintático se projetarem sobre o mero relato de uma vida estilhaçada, espécie de vida-sinédoque de *personae* negras hesitantes entre a fuga e o enfrentamento ao racismo e aos afetos que lhe são perversamente correlatos. Mas a hibridez dos poemas e, de resto, do conjunto, está dentro do controle. Eliane lança para um nível mais complexo a ideia consagrada de que as tradições das diásporas africanas se resolvem em sincretismo edulcorado, seus poemas mostram o quanto de dor e de interdições se pode vislumbrar sob essa mescla cultural. Cada poema se integra a um vasto ideograma de memórias particulares no centro desse processo diaspórico.

*Suspeita-se que sobre cada um dos ombros sacos de juta cheios de arroz  
branco suspeita-se que sobre cada um dos ombros tigela com água e pano*

*de prato e a cristaleira que com tanta diligência e o serviço de chá com margaridas nas bordas suspeita-se que entre os dez dedos um caco de cerâmica portuguesa suspeita-se.*

[...]

*Seu senhor é de beira.*

*Seu senhor é de tribeira.*

*Manda assim a quem apreendê-la que faça sua entrega.*

*A promessa é da lei para quem a acoutar.*

*A promessa é da boa paga para quem a devolver.*

Eliane Marques enfrenta com sucesso o ruído da redundância, aliás, seus experimentos tendo em vista esse quesito comportam um mérito: o risco da deriva dos sentidos exige ao leitor uma atenção estritamente colaborativa e serve de convite à fruição de outro modelo de sensibilidade. Na redundância está implicada, em certa medida, um fracasso de comunicação, mas a intencionalidade com que a poeta dispõe de anáforas e de reiterações instaura um lance de estranhamento na leitura. Aqui está em jogo um desvio da norma, o leitor-fruidor fica sem uma referência estável para a decodificação. Muitos poemas de *E se alguém o pano* se ordenam em torno de uma colisão de elementos do discurso, acentuam as tensões de forma-fundo do poema e propõem ao leitor uma sempre desordem de recepção. O aparente enigma é uma porta que se abre ao desejo de linguagem e de significação do fruidor-leitor, a par de um desejo de forma significante. O resultado é extremamente válido no sentido em que favorece a ultrapassagem dos limites da convenção poética tradicional ou disso que parece ser o “poeticamente correto” dos nossos dias. Cada poema dá prosseguimento à tensão entre o linear (o narrativo) e a ruptura (o corte telegráfico). A prosa começa a ceder a vez ao verso, ou a um simulacro de verso, no sentido em que o poema feito hoje deve ser também crítico e investigativo em relação à crise *do* ou *de* verso na tradição contemporânea.

Ainda a propósito da boa interação com a “linha da prosa” que se pode observar em *E se alguém o pano*, cumpre anotar que a poeta projeta o seu verso livre com aquele largo andamento original (que evoca tanto Whitman, quanto Pound), mas que também é demorado e feito de insinuantes interrupções. A cadência se transfigura em imagens e metáforas elípticas, tão eficientes quanto ágeis. Alguns cortes, quebrando enunciados e compondo uma narrativa por justaposição, alcançam dar mais verso à linha, mais música (sintaxe pura) ao trecho, e com isso o livro de Eliane Marques toca a margem, a linha de fronteira da hibridez entre o poema e a prosa. Algo do canto, algo do conto.

*Muito escura a pele dos joelhos ainda mais escura do que a do rosto cabeça virgulada frondeada pelo limado dos dentes chapéu de feltro recebido da senhora garganta feito o cadeado de uma cela no seu ofício de impedir o trânsito dos verbos*

*tem o mau costume do óleo nas panelas  
tem um deus com sotaque britânico*

*o seu cheiro é familiar sua língua chata  
assim como o clip clop clip clop dos pés nas poças d' água*

Por fim, pode-se notar em quase todos os poemas de *E se alguém o pano* a mobilização de uma série de analogias fônicas. Por exemplo, efeitos aliterantes como **pregação-prêmios-prémolares**, **descasque-quinaria-cântaros**; reiteraões fortemente musicais como “o pan pan pan dos martelos”, “até que o tric tric dos cascos...”; em outras palavras, tudo isso indica trabalho lúcido e desanuviado sobre a linguagem, cujo resultado induz o leitor a perceber tais equações verbais e quando não as percebe faz com que seja seduzido por elas. Essa é uma das maneiras mais eficientes de conferir relevância ao trabalho com a função estética da linguagem: oferecer essas informações (que geram outros modelos de sensibilidade) ao leitor-ouvinte sem que ele necessariamente esteja consciente delas. Desse modo, *E se alguém o pano* enfeixa um conjunto de poemas que vão interessar tanto ao especialista, quanto ao leitor em geral interessado em poesia. E isso não é coisa simples. Poucos poetas logram tal resultado, ainda mais em se tratando de um percurso poético que se inaugura.

### Referência

MARQUES, Eliane. *e se alguém o pano*. Porto Alegre: Après Coup - Escola de Poesia, 2015.

---

\* Ronald Augusto é poeta, músico, letrista e crítico. É autor, entre outros, de *Confissões Aplicadas* (2004), *Solecidades* (2007), *No assoalho duro* (2.ed., 2010), *Cair de costas* (2012), *Decupagens Assim* (2012) e *Empresto do Visitante* (2013). É também responsável pela organização da *Obra reunida de Oliveira Silveira* (2012). Dá expediente no blog [www.poesia-pau.blogspot.com](http://www.poesia-pau.blogspot.com) e escreve quinzenalmente no <http://www.sul21.com.br/jornal/>.